

**A ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA:  
UMA ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA  
A PARTIR DOS POEMAS DE ISMAEL COUTINHO**

*Michelle De Chiara Ferreira* (UNISUAM)

[michellechiara@gmail.com](mailto:michellechiara@gmail.com)

*Nataniel dos Santos Gomes* (UEMS)

[natanielgomes@hotmail.com](mailto:natanielgomes@hotmail.com)

**1. Introdução**

Este trabalho, por meio de estudos bibliográficos, a partir dos recursos oferecidos pela historiografia linguística da língua portuguesa, pretende analisar a ortografia, na coletânea de poemas *Bosquejos*, datado de 1922, escritos por Ismael Coutinho.

Essa investigação foi realizada à luz da proposta metodológica de Koerner (1996): seguem-se os princípios de contextualização, imanência e adequação. Esse manuscrito com os poemas de Ismael Coutinho fornece um material valioso para pesquisar a evolução da língua.

A mudança ortográfica, pelo viés da teoria da historiografia linguística, é analisada com base em Pereira (1935) e Bechara (2010), além de outros que serviram para preencher lacunas silenciadas pelos primeiros.

**2. A língua portuguesa: breve histórico**

Antes de iniciarmos a investigação teórica sobre a ortografia no livro *Bosquejos* (1922) fazendo uso de todo instrumental da historiografia linguística, ciência que visa descrever os processos de transformações da língua, tendo como principal referência à escrita, consideramos pertinente abordar a história da língua portuguesa para explicar algumas mudanças que a mesma sofreu no decorrer do tempo.

O português é uma língua românica que proveio do latim, língua falada na época da expansão do Império Romano, introduzido na Lusitânia, região situada ao ocidente de Península Ibérica.

Segundo Coutinho (1976, p. 46),

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Pode-se afirmar, com mais propriedade, que o português é o próprio latim modificado. É lícito concluir, portanto, que o idioma falado pelo povo romano não morreu, como erradamente se assevera, mas continua a viver, transformando no grupo de línguas românicas ou novilatinas.

Vale ressaltar que o português, o francês, o espanhol, o catalão, o provençal, o italiano, o reto romano, o sardo, o dalmático e o romeno são subdivisões das línguas românicas. (COUTINHO, 1976, p. 41)

De acordo com Teyssier (2001, p. 20),

Acreditou-se durante largo tempo que os mais antigos textos em galego-português datavam dos últimos anos do século XII. Estudos recentes mostraram, no entanto, que não foi exatamente nessa época, mas no começo do século XIII que estes textos apareceram.

Coutinho (1976, p. 57) afirma que o período histórico do português comporta uma divisão em duas fases: a arcaica (do século XII a XVI) e a moderna (do século XVI para cá).

No século XVI surgiram os grandes escritores e a gramática disciplinando a língua. Foi também a época das navegações, em que Portugal dominava a navegação levando a língua portuguesa a vários continentes.

A língua portuguesa estabeleceu-se no Brasil neste período e, desde então, vem passando por mutações, seja pelo contato com vasto vocabulário das línguas indígenas, com as línguas dos negros vendidos como escravos, vindos da África ou por influência de muitos povos imigrantes (espanhóis, holandeses e demais países europeus) que invadiram o Brasil após a independência, em 1822.

Desta forma que a língua portuguesa falada no Brasil se distancia da língua falada em Portugal, vai passando por transformações, dividindo-se, como nos afirma Coutinho (1976), “numa porção de dialetos e subdialetos”, o que vem comprovar, o que a tempo já sabíamos, que a linguagem é um produto histórico, fruto de uma construção social.

### **3. A ortografia**

A ortografia da língua portuguesa, de acordo com William (2001, p. 33), pode ser dividida em três períodos:

- a) O período *fonético*, que coincide com o período do português arcaico.

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

- b) O período *etimológico*, que se estende do Renascimento até o século XX.
- c) O período reformado ou *simplificado*, que principia com a adoção pelo governo português da nova ortografia, em 1916.

O período fonético de acordo com o citado acima corresponde à fase arcaica do idioma, “começa com os primeiros documentos redigidos em português e se estende até o século XVI”. (COUTINHO, 1976, p. 71). Nesta fase, segundo William (2001), havia muitas inconsistências ao se redigir as palavras. Para facilitar a leitura escrevia-se como se pronunciava.

O período etimológico, ou pseudoetimológico, inicia-se no século XVI, com o surgimento dos primeiros tratados da ortografia. Emergiu pela influência do Renascimento, pela admiração de sábios e eruditos denominados humanistas pelos clássicos. Desta forma o latim voltou a ser centro de interesse.

Vários sistemas gráficos, considerados sem importância, foram inseridos na língua portuguesa nesse período.

Para William (2001, p. 40),

Nessa conformidade, encontramos ch, ph, rh, th e y em palavras de origem grega ou de suposta origem grega, chrystallino, escchola, phrase, rhetorico, teatro, estylo, nympha, gm, gn, mn, mpt e consoantes duplas em origem latina, auctor, fructo, augmento, digno, magno, damno, somno, prompto, bocca, peccar, cabelo, setta. Na mesma época, abundaram falsas regressões ortográficas th em thesoura e ethymologia, y em phylosophia, duplo cc em oceano. Dentre essas, inscreve se a troca de s final por z em mez, portuguez, paz, etc., que brotou de imitação de palavras como simplez, vez, fez etc.

Coutinho (1976, p. 76) afirma que “inúmeros foram os disparates gráficos decorrentes do uso da ortografia etimológica. Mesmo os melhores escritores não escaparam”.

No Período Simplificado, Gonçalves Viana publica em 1904 a *Ortografia Nacional*, “onde estuda um grande número de vocábulos, cuja grafia tradicionalmente aceita se não podia justificar, e assenta os princípios em que se deve basear qualquer simplificação ortográfica”. (COUTINHO 1976, p. 78). Esse período vem desde o surgimento da *Ortografia Nacional* acima citada até os nossos dias. O objetivo foi a normatização da ortografia que até então não possuía forma.

Coutinho (1976, p. 77) comenta sobre a língua portuguesa até a fase final do período etimológico, até o final do século XX: “Nunca houve padrão uniforme de ortografia, entre os nossos escritores, às vezes de uma mesma época, nos últimos tempos o mal agravou-se de tal maneira que cada autor possuía uma grafia própria”.

Sobre a reforma de Gonçalves Viana, relacionamos os princípios listados por Coutinho (1976, p. 76):

- a) Proscrição absoluta e incondicional de todos os símbolos da etimologia grega: **th, ph, ch** (=> K), **rh** e **Y**;
- b) Redução das consoantes dobradas a singelas, com exceção de **rr** e **ss**, mediais, que têm valores peculiares;
- c) Eliminação das consoantes nulas, quando não influem na pronúncia da vogal que as precede;
- d) Regularização da acentuação gráfica.

A partir desta reforma, com o intuito de dirimir as frequentes dúvidas encontradas na ortografia, outras reformas ocorreram para tentar unificar a língua escrita.

#### **4. A historiografia linguística**

Faraco afirma (1998, p. 57), “as línguas têm história, constituem uma realidade em constante transformação no tempo”.

As línguas não são estáticas, a sua estrutura altera-se ao longo do tempo. A corrente historiografia linguística surge para investigar e analisar esses acontecimentos, para verificar as mutações da língua, tendo como objeto de estudo documentos históricos, geralmente escritos em épocas anteriores ao nosso.

Para Iwassa (2012), “(...) esta corrente surge lançando um outro olhar para os acontecimentos históricos, tendo como objeto de estudo, documentos escritos que expõem a evolução da língua no decorrer do tempo, ou em um dado recorte histórico”.

A historiografia linguística é a ciência que nos auxilia na compreensão das mutações da língua, em seus elementos internos e externos, fazendo com que o historiógrafo chegue a uma análise mais sistematizada e próxima do real, no que diz respeito às transformações linguísticas e histórica da língua.

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA

Vale ressaltar que a historiografia linguística está intimamente ligada a história, mas com a diferença que os fatos históricos passam a ser analisados por outro viés, por diferentes ângulos, considerando o contexto em que está inserido.

Nesse sentido, para cumprir a investigação proposta neste trabalho, buscaremos apoiar esta análise, do fenômeno das consoantes geminadas, nas teorias de Konrad Koerner (1996): contextualização, imanência e adequação.

O *princípio de contextualização* diz respeito ao pensamento intelectual da época. Este princípio permite que o historiador situe o documento analisado ao período que ele foi escrito, levando em consideração os aspectos socioeconômicos, políticos, geográficos, filosóficos, culturais, etc. daquele período. Segundo Koerner (1996, p. 60) “as ideias linguísticas nunca se desenvolveram independentemente de outras correntes intelectuais do período”.

O *princípio de imanência*, por sua vez, segundo Koerner (1996, p. 60) “está voltado ao estudo do sistema da língua de uma época específica, realiza um trabalho de cunho sincrônico”, isto é, o historiógrafo deve concentrar seus estudos para a organização linguística da época, ao quadro linguístico da época.

O *princípio da adequação* procura comparar os dois princípios anteriores aliados às teorias e ocorrências do presente para entender as transformações da língua.

Sendo assim verificamos que os três princípios se complementam, pois, de forma sistematizada, por meio de análise da escrita, vamos buscando entendimento mais fiel possível, a fim de compreender todo o processo de mudanças sofridas pela língua no decorrer da história.

### 5. *O contexto histórico de Bosquejos de Ismael Coutinho*

Para realizar nossa pesquisa, elegemos os poemas que se encontram no caderno de poesia *Bosquejos* escritos por Ismael Coutinho no início do século XX.

Ismael de Lima Coutinho, natural de Santo Antônio de Pádua (RJ), nasceu em 12 de maio de 1900. Pobre, passou a infância ajudando a família como vendedor de pão, no pequeno arraial de Paraoquena (RJ). De 1917 a 1926 aprofundou seus estudos em latim e grego no seminário.

Segundo Vargas (UFSCar, 2011), neto de Ismael Coutinho,

A obra poética se concentra quase toda em duas notáveis coletâneas de poemas (quase inéditos), respectivamente intituladas *Bosquejos* e *Silhuetas*. Constituem-se de dois cadernos manuscritos, redigidos entre 1919 e 1925, durante um período de quase dez anos que Ismael Coutinho viveu em reclusão no Seminário São José, em Niterói, dos dezessete aos vinte e seis anos de idade. Silhuetas abriga versos mais maduros e refinados, esmerando-se no uso de expressão refinada da norma culta e na obediência à forma do soneto, na rima e na métrica bem marcadas e termos coloquiais.

*Bosquejos* foi escrito no início do século XX, período simplificado do português, época, como citado anteriormente, que já existia a gramática normatizando a língua.

Todavia, constatamos a presença de consoantes geminadas nos poemas, o que nos faz avaliar que tal ocorrência se deu ao peso da tradição latina, ainda bastante forte neste período em que os mesmos foram escritos, período inicial da fase simplificada da língua.

Desejamos com a análise de dois poemas mostrar a mudança na ortografia da língua portuguesa comparando duas gramáticas de grande referência em suas respectivas épocas, a *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, de Eduardo Carlos Pereira, que teve sua 9ª edição datada de 1935 e a *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*, de Evanildo Bechara, com a sua 2ª edição ampliada e atualizada pelo Novo Acordo Ortográfico, editada em 2010.

Primeiramente mencionaremos neste trabalho as considerações críticas feitas por Pereira a respeito da ortografia vigente em sua época:

A Orthographia prende-se à Phonetica, como a linguagem fallada é escripta, pois é ella a transliteração correcta dos vocabulos. Difficultosa coisa, entretanto, é estabelecer-se um padrão uniforme de correção orthographica. De um lado a variedade quasi infinita na prolação de nossos phonemas vocabulares pela vastissima área, em que é fallado o portuguez; de outro, a deficiência e imperfeição do alphabeto tradicional para fixar na escripta esses variadissimos matizes, no tempo e no espaço, dos valores quantitativos e qualitativos de nossos phonemas agrupados em vocabulos, tornam um aspero problema o ideal de uma orthographia uniforme. A estas difficuldades accresce a inercia do espirito conservador, que naturalmente offerece tenaz resistencia a qualquer innovação no sentido da desejável transliteração uniforme dos vocabulos de nossa lingua. (PEREIRA, 1935, p. 100)

Pereira fala da dificuldade de se ter uma ortografia uniforme, visto que uns desejavam manter a ortografia segundo a etimologia da palavra e outros desejavam que a escrita fosse simplificada e houvesse uma reforma da grafia no português, mesmo sabendo da variedade de fonemas na

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

língua portuguesa que dificultariam essa uniformidade ortográfica. Em resposta a isso, 55 anos após a edição de sua obra analisada neste trabalho, comprovamos o registro de tais mudanças por meio da gramática de Bechara, que menciona o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, realizado em 1990, que estabeleceu um único sistema gráfico para os países lusófonos. O autor, em sua obra, faz considerações a respeito da ortografia atual respaldada pelas novas regras do Acordo:

Ortografia é um sistema oficial convencional pelo qual se representa na escrita uma língua. Diz-se convencional, porque, na realidade não há identidade perfeita entre os fonemas e sua representação na escrita mediante as letras do alfabeto, auxiliadas por sinais diacríticos (os acentos) e certos sinais gráficos e de pontuação.

Diz-se oficial, porque instituições credenciadas por atos oficiais do Governo aprovam o sistema de grafia. [...]. Em geral, nas línguas modernas, o sistema de grafia oficial, regula-se por princípios gerais que procuram, além do uso, estabelecer um razoável compromisso entre a pronúncia e a etimologia, isto é, a tradição oral e a origem e história das palavras [...].

O sistema ortográfico oficial praticado no Brasil é o que foi estabelecido nas Bases do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, aprovado em 1990, em Lisboa, pela Academia das Ciências de Lisboa, Academia Brasileira de Letras e delegações de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, com a adesão da delegação de observadores da Galiza.

Em sua gramática histórica Pereira, conceitua sistemas ortográficos como os diversos modos de transcrição ou transliteração dos chamados “phonemas vocabulares”. O autor menciona dois sistemas: o fonético e o etimológico, que na impossibilidade prática de uso exclusivo, deram origem a um terceiro sistema chamado misto ou usual.

Os dois systemas diferentes, que tendem a conciliar-se em nosso actual systemas mixto, ou phonetico-etymologico, são duas correntes historicas na arte da representação graphica da linguagem fallada. O italiano e o hespanhol, na systematização desta arte, penderam para o lado do phonetismo, ao passo que o portuguez e o francez para o lado do etymologismo. (PEREIRA, 1935, p. 101)

A fim de justificarmos a ortografia utilizada por Ismael Coutinho em sua poesia, nos fundamentaremos nos registros sobre ortografia etimológica, em que se baseou a língua portuguesa, conforme o autor fala na citação acima.

A ortografia etimológica aproxima, o quanto possível, a forma gráfica da época da forma gráfica originalmente conhecida, a do latim medieval, que era a língua oficial e utilizada pelos escribas.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Nos poemas "Perdão, Senhor" (1921) e "Adeus" (1920), destacaremos em *italico* alguns vocábulos, a fim de comentarmos as alterações ortográficas ocorridas ao longo do tempo com a evolução linguística do português.

### Poema I:

#### *Perdão, Senhor*

Senhor Deus dos pequeninos,  
Que *fallaes* na voz do sino,  
Não ouvís o meu lamento  
Retumbar na voz do vento?

**Si** ouvistes, Senhor Deus,  
Como estes tormentos meus,  
Estes tão doridos ais,  
Minorar não *procuraes*?

Bem o vejo, meu Senhor,  
Que vos não mereço amor:  
Quem vos tem tanto *offendido*,  
Não vos pode ser querido.

Eis-me aqui prostrado ao chão,  
*Supplicando*-vos perdão  
Pelo mal que *effectuei*  
Contra vossa santa lei.

Fostes vós, ó Senhor meu,  
Quem, por *Christo*, prometeu  
Ao *contricto* salvação,  
Do *peccado* a remissão.

Ó Senhor não *queiraes* visto,  
Ferntido o vosso *Christo*;  
A mim perdão já depressa,  
Cumprí a vossa promessa.

Niteroy, 1921, p. 55

### Poema II:

#### *Adeus*

Á mana Irene

**Si** a brisa serodia e ligeira  
Os teus *loiros* cabellos roçar;  
**Si** um canario no pé da mangueira  
Dos seus cantos a voz modular;

**Si** por noite, alta noite, uma nota  
Nos espaços gemer, soluçar;  
**Si** arrojada veloz gaiivota  
Lava as *pennas* nas ondas do mar;

**Si** uma flôr que se ostenta no galho  
Para ti o seu caule inclinar;  
**Si** uma conta, uma *gotta* de orvalho  
Uma chisfra de sol faz brilhar

**Si** um *accento* de flauta plangente  
Dos teus sonhos te vier despertar  
**Si** a *estrella* que fulge nitente  
Ás *occultas* teus labios beijar;

**Si** um grupo de alegres creanças  
Da igrejainha o caminho tornar:  
São adeuses, saudades, lembranças,  
que envio nas *azas* do ar.

Que este adeus o meu Deus não *permitta*  
Ser p'ra sempre, atros *annos* durar;  
Seja a escala do tempo *restricta*  
Que nos venhas de um novo abraçar.

Campello, 1920, p. 13

No poema I, encontramos palavras grafadas com consoantes dobradas: *fallaes*, *offendido*, *supplicando*, *effectuei*, *peccado*, e no poema II: *pennas*, *gottas*, *accento*, *estrellas*, *occultas*, *annos*, *permitta*. A gramática da época fala a respeito da grafia consoantes geminadas da seguinte forma:

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

No grupo dos vocábulos aparecem frequentemente duas e, às vezes, três consoantes agrupadas, idênticas ou diferentes – atenção, acto, pacto, extracto, estranho. Em muitos desses grupos a primeira dessas consoantes tem perdido o valor fonético e é insonora, e só aparece na palavra escrita por uma tradição etimológica. Esta obliteração do som da prepositiva deu-se em português uniformemente nos grupos geminados: bb, dd, ff, gg, ll, mm, nn, pp, rr, ss, tt: abbade, adição, afirmar, agregar, collegio, consummar, solenne, aprovar, carro, passar, attento.

No grupo cc, não raro é ainda sonora a prepositiva: convicção, confecção, cocção, defecção, facção, intelecção, inflicção, sucção, introspecção, occipital, acciduo, occisão. Estas palavras, porém, são de uso erudito". (PEREIRA, 1935, p. 34)

Os grupos homogêneos ou geminados - bb, cc, dd, ff, gg, ll, mm, nn, pp, rr, ss, tt, simplificam-se, em regra, deixando cair o primeiro elemento, tornando-o insonoro. A conservação na escrita desse elemento insonoro obedece apenas aos preceitos da orthographia etymologica, p. ex.: sabbado, peccado, adição, afirmar, agregar, collega, commodo, anexo, aprovar, carro, fosse, attento.

Os grupos rr e ss não podem ser simplificados na escrita sem determinar uma alteração fonética, como se vê em carro e caro, cassa e casa. Contrariamente ao que se dava em latim o s entre vogais vale por z, isto é, abraza-se. – convém também observar que os grupos mm, nn, não se simplificam inteiramente, isto é, o primeiro elemento faz sentir a sua presença nasalando a vogal antecedente, como se vê em: emmanar e emanar, emmagrecer e emigrar, grammar e gramar, annular e anular. (PEREIRA, 1935, p. 83)

Na ortografia moderna não ocorre a dobra de tais letras, apenas se manteve a dobra da consoante *r* que representa o som de /R/ e *s* que representa o fonema /ss/, em contexto intervocálico.

Escrevem-se rr e ss quando, entre vogais, representam os sons simples de r e s iniciais; e cc ou çç quando o primeiro soa distintamente do segundo: carro, farra, massa, passo, convicção, occipital, etc.

Duplica-se o r e o s todas as vezes que um elemento terminado em vogal se segue, sem interposição de hífen, palavra começada por uma daquelas letras: albirrosado, arritmia, altíssimo, derrogar, prerrogativa, pressentir, ressentimento, sacrossanto, etc". (BECHARA, 2010, p. 594)

Os ditongos dos verbos flexionados na 2ª pessoa do plural (vós) apresentavam a grafia diferente da atual. Observem-se no poema I os verbos da 1ª conjugação, flexionados no presente do indicativo: *fallaes*, *procuraes*, e os verbos da 2ª conjugação, flexionados no presente do modo subjuntivo *queiraes*. A justificativa para tal emprego é encontrada em Pereira (1935, p. 160 e 163) no registro da conjugação dos verbos:

As flexões verbaes são variações designativas de modo, tempo, numeros e pessoas. [...]. As flexões verbaes nos vieram das conjugações latinas, que passaram, com algumas alterações, para o portuguez. Estas alterações são de ordem morphologica e semantologica, como passamos a estudar. (PEREIRA, 1935, p. 160 e 163)

Modo indicativo – Tempo presente – 1ª conjugação:

LATIM	PORTUGUEZ
Cant-o	Cant-o
Cant-as	Cant-as
Cant-at	Cant-a
Cant-amus	Cant-amos
Cant-atis	Cant- <i>aes</i>
Cant-ant	Cant-am

Modo subjuntivo – Tempo presente – 2ª conjugação:

LATIM	PORTUGUEZ
Deb-eam	Dev-a
Deb-eas	Dev-as
Deb-eat	Dev-a
Deb-eamus	Dev-amos
Deb-eatis	Dev- <i>aes</i>
Deb-eant	Dev-am

Podemos constatar essa mudança ortográfica, visto que o ditongo *-ae* passou a ser grafado como *-ai*, conforme se pronuncia nos dias de hoje:

Os ditongos orais distribuem-se por dois grupos gráficos principais, conforme o segundo elemento do ditongo seja representando por *i* ou *u*: *ai*, *ei*, *éi*, *oi*, *ói*, *ui*, *au*, *eu*, *éu*, *iu*, *ou*: *braçais*, *caixote*, *deveis*, *eirado*, *farnéis*, [...].

Admitem-se, todavia, excepcionalmente, à parte desses dois grupos, os ditongos grafados *ae* e *ao*: o primeiro, nos antropônimos Caetano e Caetana, assim como nos respectivos derivados e compostos (Caetaninha, são-caetano, etc.): o segundo, representado nas combinações da preposição *a* com as formas masculinas do artigo *o*, ou seja, *ao* e *aos*. (BECHARA, 2010, p. 603)

Bechara (p. 230 e 231) apresenta os paradigmas dos verbos regulares com destaque dos elementos estruturais registrados conforme a ortografia atual e que corroboram a diferença de ortografia encontrada na gramática histórica de Pereira:

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

Modo Indicativo – Tempo presente – 1ª conjugação:  
Cant-o, Cant-as, Cant-a, Cant-amos, Cant-ais, Cant-am

Modo Subjuntivo – Tempo presente – 2ª conjugação:  
Vend-a, Vend-as, Vend-a, Vend-amos, Vend-ais, Vend-am

Outro vocábulo a ser comentado nos poemas I e II é a conjunção condicional “Se”, antes grafada como “*Si*”. Em Pereira (1935, p. 106) consta o registro escrito “*Si*” desta conjunção segundo a ortografia etimológica, embora na ortografia fonética apareça a grafia *Se*.

Bechara (2010, p. 328) fala da grafia das conjunções condicionais: “As principais conjunções condicionais são: *Se*, caso, sem que, uma vez que etc.: Se os homens não tivessem alguma coisa de loucos, seriam incapazes de heroísmo”.

No substantivo *Christo* verificamos a antiga grafia com *ch*, conservando os diagramas gregos – *ch*, *th*, *ph*, *rh* –, enquanto no registro atual da palavra – Cristo – a letra *h* foi suprimida. A grafia é justificada em 1921, pois era baseada na ortografia etimológica respeitada pela Língua Portuguesa. Vejamos o que diz Pereira (1935, p. 103):

Consiste o chamado systema etymologico em se approximar, quanto possível, a fôrma graphica actual da fôrma graphica original conhecida. Tal tendência se manifesta na conservação de consoantes cujos valores phoneticos primitivos se acham actualmente atrophiados ou obliterados [...]. De accordo com esta tendencia, trez elementos caracterizam o systema etymologico [...] c) Conservação dos diagrammas gregos – *ch*, *th*, *ph*, *rh* - character, charidade, theatro, philosophia, rhetorica.

Na gramática contemporânea, a letra *h* no interior do vocábulo só se usa em casos de dígrafos e em casos que se empregam o hífen para separar vocábulos com *h* etimológico, como verificamos em Bechara (2010, p. 595 e 596):

No interior do vocábulo só se emprega em dois casos: quando faz parte do *ch*, do *lh* e *nh*, que representam fonemas palatais, e nos compostos em que o segundo elemento com *h* inicial etimológico, se une ao por meio de hífen: chave, malho, rebanho, anti-higiênico, contra-haste, pré-histórico, sobre-humano etc.

Não se escreve *h* depois de *c* (salvo no caso acima), nem depois de *p*, *r* e *t*: o *ph* é substituído por *f*, o *ch* (gutural) é substituído por *qu* antes de *e* ou *i* e por *c* antes de outra letra qualquer: corografia, cristão, querubim, química, farmácia, fósforo, retórica, ruibarbo, teatro, turbulo etc.

Os vocábulos *effectuei* e *contricto*, no poema I, e *restricto*, poema II, são grafados com *ct* e estão de acordo com as regras vigentes na época, conforme lemos na página 103, de Pereira: “Conservação da preposi-

tiva insonora dos grupos consoantes, p. ex.: afirmar adduzir, acto, escripto..", ou seja, em 1935, mesmo não havendo a pronúncia da letra, mantinha-se, no caso, o *c* na grafia da palavra.

Já nos dias atuais, verificamos que houve a supressão de tal consoante na grafia dessas palavras, e se manteve em outras palavras cujas letras *ct* são pronunciadas. Bechara faz observações quanto à pronúncia e o registro de tais palavras (2010, p. 600):

O *c*, com valor de oclusiva velar, das sequências interiores *cc* (o segundo *c* com valor de sibilante), *çç* e *ct* e o *p* das sequências anteriores *pc*, ora se conservam, ora se eliminam. Assim:

a) Conservam-se, nos casos em que são invariavelmente proferidos nas pronúncias cultas da língua: *compacto, convicção, convicto, ficção, friccionar, pacto, pictural; adepto, apto, díptico, erupção, eucalipto, inepto, núpcias, rapto*.

b) Eliminam-se, nos casos em que são invariavelmente mudos nas pronúncias cultas da língua: *acção, acionar, afetivo, aficção, aflito, ato, coleção, coletivo, direção, diretor, exato, objeção, adoção, adotar, batizar, Egito, ótimo*.

c) Conservam-se ou eliminam-se, facultativamente, quando se proferem numa pronúncia culta, quer geral quer restritamente, ou então quando oscilam entre serem pronunciadas ou não: *aspeto e aspecto, caracteres e carateres, dicção e dição, ceptro e cetro, concepção e conceção, corrupto e corruto*

Observação: Diz-se *contrito*, e não *constricto*, com *c* pronunciado.

Quanto a palavra *loiros*, no poema II, sabemos que variação *loiro* ou *louro* é aceita no português atual, assim como em outros vocábulos semelhantes: coisa/cousa, noite/noute, etc., embora seja de uso mais frequente o primeiro exemplo dos pares. Primeiramente, vejamos o que fala Pereira (1935, p. 72) sobre o assunto:

O diptongo *ou* transmuda-se frequentemente em *oi*, que se tornou forma sincrética mais distinta na pronúncia: *cousa e coisa, dous e dois, ouro e oiro, açoute e açoite, thesouro e thesoiro*. Subsiste este syncrétismo diptongal com esta tendência para fixar-se numa ou noutra forma em certas palavras, variando a preferência quase sempre entre Portugal e o Brasil. Em Portugal maior é a tendência de reduzir *ou* a *ô*, e mais larga a preferência que ali dá o povo á forma *oi*, de que no Brasil[...] No Brasil, entretanto a forma *ou* pôde considerar-se fixa geralmente em: *couro, ouro, thesouro, lousa, pouso, louça, Sousa*. E *oi* em *oito, noite, foice, coice, moita*.

Em Bechara (2010, p. 603) há um breve comentário a respeito dos ditongos *oi*: "Os ditongos orais distribuem-se por dois grupos gráficos principais, conforme o segundo elemento do ditongo seja representado por *i* ou *u*: *ai, ei, éi, oi, ói, ui; au, eu, éu, iu, ou*: braçais, caixote, deveis,

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

eirado farneis, *goivo*, oivar [...]". O autor tece um comentário um pouco mais específico em sua obra *Moderna Gramática Portuguesa* (2003, p. 97): "O ditongo ou se alterna, em numerosos vocábulos, com *oi*: balouçar e baloiçar, calouro e caloiro, dourar e doirar, etc. Cumpre registrar em primeiro lugar a forma que mais se usa, e em seguida a variante".

Na quinta estrofe do Poema II, destacamos a palavra *azas* grafada com *z*, antigamente em português, o *z* apresentava o som /dz/ e posteriormente passou a soar apenas /z/. Pereira (1935) faz referência a isto:

O phonema *z*, linguo-dental brando, era conhecido em latim, onde a letra *z* representava som duplice (dz), tendo, porém, perdido o primeiro elemento (d), ficou a letra para representar apenas o novo som romanico, que se relaciona com o seu elemento. (PEREIRA, 1935, p. 80)

O autor também menciona que a letra *s* em contexto intervocálico representava o som /ss/, (1935, p. 80): "*O s medial isolado ou intervocálico soava no latim classico surdo ou forte (rosa = rossa), e o mesmo succedia no v. português; porém do séc. XVI para cá, tornou-se sonoro ou brando (rosa= roza)*". Essa alteração fonética é a que permanece no português contemporâneo e o *s* representa o som de /z/ intervocálico também na escrita atual. Referente ao assunto, encontramos em Bechara (2010, p. 597) um breve registro: "*Distinção gráfica entre os grafemas interiores s, x e z, com valor fônico de sibilantes sonora: a) Escrevem-se com s: abuso, aceso, agasalho, [...], asa, asilo, atrasar, [...]*".

### 6. Conclusão

A intenção deste trabalho foi proporcionar, de forma muito sintética, mas objetiva, algumas transformações que ocorreram com a ortografia. Conhecer o passado da língua, sua formação e evolução nos permite compreender a estrutura da língua nos dias atuais.

A historiografia linguística busca desvendar os fatos históricos da língua fazendo uso de várias ferramentas a fim de chegar a uma análise mais próxima do real, no tocante as continuidades e descontinuidades do processo evolutivo da língua.

Este texto não tem a pretensão de trazer nada novo, mas de alguma forma despertar interesse e contribuir com as reflexões em torno deste assunto tão interessante e vasto que é a evolução histórica da Língua Portuguesa e sistematizar alguns dados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALI, M. Said. *Grammatica historica da lingua portugueza*. São Paulo: Melhoramentos. 2. ed. melh. e aug. (1º Prêmio Francisco Alves de 1921 e de 1927).
- BASTOS, N. B.; PALMA, D. V. (Orgs.). *História entrelaçada: a construção de língua portuguesa do século XVI ao XIX*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004
- BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- IWASSA, Hiroco Luiza Fuzzi; ALMEIDA, Miguél Eugenio. Princípios metodológicos da historiografia linguística: uma abordagem em Koerner (1996). *Revista Ave Palavra*, n. 14, 2012.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica expositiva*. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1907.
- PEREIRA, Rubens César Ferreira Pereira. As consoantes geminadas: um estudo com base no *Almanack Corumbaense*. In: XVIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia e Política Linguística e de Ensino. *CADERNOS DO CNLF*, vol. XVIII, n. 07 – fonética, fonologia, ortografia. Rio de Janeiro: CIFEFIL, p. 77086, 2014.
- RIBEIRO, Julio. *Grammatica portugueza*. S. Paulo: Miguel Melillo – Editor, 1899.
- VARGAS, Marcelo Coutinho. Ismael Coutinho poeta e sua herança: um depoimento pessoal e afetivo. *Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia*, 2011.
- TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.